



A REVOLUÇÃO DE 1893 E A ARTE MILITAR

Cláudio Moreira Bento

Comunicação apresentada, pelo autor, no "Encontro de Micro-História", ocorrido em São Gabriel, RS, de 16 a 18 de outubro de 1990.

Propõe-se a identificar subsídios para o desenvolvimento da Doutrina Militar do Exército Brasileiro, pelo exame crítico da Revolução de 1893.

Destaca a violência extrema nela praticada entre rio-grandenses do sul, catarinenses e paranaenses, contrariando padrão de comportamento consagrado do combatente militar brasileiro.

Todas as lutas internas e externas que envolveram, desde o Descobrimento, o emprego de nossas Forças Terrestres, integram o Patrimônio Cultural Militar Terrestre Brasileiro, de que é depositário nosso Exército. Eles são ricos em ensinamentos militares, capazes de contribuir para o desenvolvimento da Doutrina do Exército, no tocante a Arte Militar, com progressivos índices de nacionalização. Esse foi, aliás, o sonho manifestado pelo Duque de Caxias, ao adotar, em 1861, as Ordenanças de Portugal com adaptações

às nossas realidades, fruto dos ensinamentos doutrinários brasileiros que colheu nas cinco campanhas que, até então, comandara e vencera. "Até que se possui uma tática genuinamente nossa" (ou brasileira), como ressaltou.

A Revolução de 1893 no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná não foge à regra.

Alguém afirmou que uma Doutrina Militar é extremamente dinâmica e que, de imutável, apresenta sua constante mudança e o homem, nas dimensões de líder e de simples

combatente. Tais aspectos, atuais e relevantes, serão objetos focais de nosso ensaio, sem prejuízo de outros considerados expressivos para o pensamento militar brasileiro, presentes como ensinamentos resultantes do estudo crítico da Revolução Federalista de 1893.

O estudo aqui realizado, do ponto de vista estritamente militar, visa a tirar, das lições dos revolucionários e dos republicanos nela envolvidos, subsídios à consideração do desenvolvimento da Doutrina do Exército Brasileiro, no sentido da sua Arte Militar, embutida na História Militar do Brasil.

SINGULARIDADES DA REVOLUÇÃO DE 1893

É consenso, entre historiadores, que a Revolução de 1893 se caracterizou pela violência extrema entre irmãos rio-grandenses, catarinenses e paranaenses, pelo radicalismo político extremado pelas vinganças terríveis; pela vontade férrea entre os combatentes de lutar e vencer pelo uso comum de degolamentos, fato novo nas nossas lutas internas e externas, a ponto de dar a ela o epíteto de “Revolução de Bárbaros”, ao contrário da seguinte, a Revolução de 1923, a chamada de “A Revolução de Cavaleiros”, e da anterior, A Revolução Farroupilha (1835-45), inspirada pelos dois amores-perfeitos inscritos no brasão do Pavilhão da República Rio-grandense, simboli-

zando “Firmeza” e “Doçura”. A firmeza foi traduzida no combate pela determinação e vontade férrea de lutar e vencer; a doçura traduzida após a vitória, pelo respeito, como religião, à vida, à família, à honra, à integridade e aos direitos dos vencidos.¹

A Revolução de 1893 foi um banho de sangue, o maior de nossas revoluções. Por ironia do destino, os líderes políticos das duas facções envolvidas eram filosoficamente pacifistas.² Gaspar Silveira Martins, por convicção liberal, e Júlio de Castilhos, por convicção positivista, como grande apóstolo que foi entre nós, da Religião da Humanidade, não puderam evitá-lo, ou ao menos, amenizá-lo, fato que, até hoje, provoca um complexo de culpa entre os gaúchos, pelos padrões de violência atingidos.³

Ângelo Dourado combatente federalista, como médico às ordens de Gumersindo Saraiva, em sua Grande Marcha de 1.200km, assim depôs em sua obra *Voluntários do Martírio*: “A Revolução de 1893 é a mais horrosa que o tempo registra.” Por essa razão, os historiadores a têm procurado omitir, para não reabrir feridas cicatrizadas.

Tenho a visão histórica das consequências funestas que ela teve para minha terra natal Canguçu-RS. Eduardo Wilhelmy, que a conheceu próspera e feliz, registrou: “Canguçu sofreu uma recessão e retrocesso econômico com a Revolução de 83.” Famílias tradicionais migraram

deixando casas em abandono. A igreja foi profanada ao ser usada como estroberia, e seus livros históricos extraviados. Filhos de famílias tradicionais foram, na condição de combatentes civis, degolados em grande número, no Sítio do Rio Negro, em Bagé, enlutando a comunidade e dividindo-a profundamente.

“Quem não conhece sua história corre o risco de repeti-la”, e o que acaba de ser escrito, até aqui, constitui a primeira lição preciosa a ser retirada de 1893, para todos os brasileiros e para os estudos da História Militar em suas novas dimensões, relacionada com o evitar-se guerras e revoluções, e não só bem conduzí-las para a vitória.

Por coincidência ligam-se, a Ganguçu, as maiores lideranças militares da Revolução.

O general Hipólito Ribeiro, o vencedor de Inhandui, era canguçuense. Gumersindo Saraiva, “O Napoleão dos Pampas”, era filho e neto de canguçuenses, segundo o genealogista Carlos Rheingantz.

Hipólito Ribeiro perseguiu e derrotou, após os chefes responsáveis pelo massacre de canguçuenses e piratinienses inermes, no sítio do Rio Negro.

A Revolução, que durou 11 meses, fez um milhão de vítimas e causou enormes prejuízos econômicos.

Suas causas até hoje não estão esclarecidas o suficiente, bem como as da violência que a envolveu de forma inusitada.

LIDERANÇAS MILITARES

A liderança militar é um dos mais importantes elementos do perfil militar. Na Revolução de 1893, o Marechal Floriano Peixoto e o Coronel Ernesto Gomes Carneiro, do lado governista, e o General Gumersindo Saraiva, do lado revolucionário, tiveram papel decisivo nos rumos da Revolução, pelas excepcionais qualidades de liderança militar que revelaram. São, por isso, exemplos permanentes para o estudo crítico de liderança militar brasileira, em qualquer tempo, além de exemplo de sublimação de algumas virtudes militares como coragem, bravura, devotamento e desprendimento, entre outras.

Floriano Peixoto celebrou-se como tenente, no comando de uma esquadilha naval no rio Uruguai, fração que combateu os elementos navais que faziam a ligação das tropas paraguaias que invadiram o Rio Grande do Sul, em 1865, e que se deslocavam por ambas margens do rio. No combate estratégico à Revolução de 93, evidenciou qualidades de liderança, como coragem pessoal, firme determinação, espírito ofensivo, grande capacidade de organização, energia férrea e vontade inquebrantável, além de grande autoridade ao substituir chefes de prestígio quando se mostravam fracos e vacilantes. Mereceu o epíteto de “Marechal de Ferro”.

O Coronel Ernesto Gomes Carneiro, na épica resistência que comandou na Lapa (PR), de 14 de

janeiro a 12 de fevereiro de 1894, sob o cerco federalista, comportou-se com tal valor, pertinácia, bravura e coragem que escreveu uma das mais belas páginas de nossa História Militar. Mostrou-se determinado, preocupou-se em preparar seus soldados para a luta, levantar-lhes o moral, obter reforços e suprimentos. Esteve sempre à frente dos acontecimentos sem deixar-se influenciar por boatos alarmistas. Demonstrou coragem física e moral, energia, espírito de sacrifício, perseverança e entusiasmo contagiante. Ferido mortalmente, repetia, ao ser transportado: “É uma glória morrer-se pela causa sacrossanta da República.” Os soldados vendo-o passar muito pálido gritavam: “Viva a República!” Resistiu 32 dias na Lapa. Somente sua morte fez cessar a resistência. Esta fora compatível para que o governo concentrasse, em Itararé, reforços suficientes que impediram que Gumer-sindo Saraiva prosseguisse para o Rio. Floriano ao saber da queda militar da Lapa concluiu — “Então Gomes Carneiro morreu!”⁴

O chefe revolucionário Gumer-sindo Saraiva revelou as seguintes qualidades de líder militar: coragem física e moral, energia, espírito de sacrifício, audácia e efetividade por cada um de seus homens que, em conjunto, denominava “o meu cardume”. Foi exemplo de rusticidade e de sinceridade de propósito na defesa de seus ideais.

Dele diz a História do Exército Brasileiro — Perfil Militar de um

Povo (Rio, EME, 1972, v. 2, pág. 697), citando José Lavrador: “Audaz e intrépido guerrilheiro, na sua grandeza d’alma, tinha o mais elevado conceito de noção de cavalheirismo. Era este o segredo de sua força que eletrizava multidões, fascinando também o seu bravo e leal adversário. E, assim como execrava a traição, mesmo a dos inimigos, era um feticlista da bravura, da magnanimidade e do altruísmo.”

Em artigo na Revista Militar Brasileira (jul/ago 1974, pág. 78), sob o título “Santa Vitória do Palmar na História Militar”, sobre ele escrevemos, com o apoio em pesquisa histórica crítica, realizada pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em 1964:

“Gumersindo Saraiva. Na malfadada Revolução de 93, foi de sua estância em Curral dos Arroios, em Santa Vitória (RS), que partiu o maior líder de combate federalista, no sentido técnico-militar. Autêntico líder nato, sincero de propósitos, justo, rústico, corajoso, audaz e afetivo a seus liderados, conduziu seus homens desde o Rio Grande até o norte do Paraná, arrastando toda a série de dificuldades através de 1.200km de marcha.

“Com sua morte em ação, em 10 Ago 1894, em Carovi, a revolução entrou em declínio.”

A citada obra de Ângelo Dourado permite valioso e realista estudo crítico de sua liderança.⁵

Sejanes Dorneles, de Santa Vitória

ria do Palmar e membro do IHTRGS, acaba de biografá-lo.

Existiram líderes legalistas, como os coronéis Carlos Teles e Arthur Oscar de Andrade Guimarães, que vão ter destaque em combate, na guerra de Canudos, bem como o general Carlos Maria da Silva Telles, que foi herói do cerco de Bagé, e mais o Senador José Pinheiro Machado, civil veterano da guerra do Paraguai, que se revelou líder militar de rara bravura e que irá dominar o cenário nacional até 1915, data do seu assassinato pelas costas, no Hotel dos Estrangeiros, no Rio de Janeiro.

Forjou-se, nesta revolução, o Libertador do Acre, o gabriellense Plácido de Castro, um interessante e instrutivo exemplo de liderança militar nata.

Arthur Ferreira Filho, em "Revolução e Caudilhos", estuda os perfis dos republicanos general Hipólito Ribeiro, o vencedor de Inhanduí e vanguardeiro de Andrade Neves no Paraguai, general Francisco Rodrigues Lima, veterano do Paraguai, e dos irmãos Pinheiro Machado e dos federalistas Gumersindo Saraiva e Juca Tigre.

Foi encarregado da defesa de Cançu na Revolução de 1893, nada menos que o já octogenário velho farrapo, mas ainda muito ativo, o Coronel J. Manoel Alves da Silva Caldeira, ao qual devemos o traço do perfil militar dos mais expressivos líderes militares farrapos, conforme o biografamos na *RIHGRS*, 124 (págs. 39-41).

Não pode deixar, ainda, de ser considerado, como grande exemplo de liderança militar, o Almirante Luiz Philippe Saldanha da Gama, último comandante do Exército Federalista, que tombou morto, heroicamente, em Campo Osório, fato muito bem estudado por Ivo Caggiani, ao biografar o general João Francisco.⁶ Pedro Lafayette estuda o bravo almirante (Rio, Ed. Souza, 1953).

A influência doutrinária militar da Revolução Farrroupilha se fez presente na Revolução de 93, ocorrida 48 anos após, e cuja lembrança ainda estava bem viva, à semelhança da participação da FEB na última guerra, há 45 anos e com muitos veteranos ainda vivos.

O COMBATENTE DA REVOLUÇÃO DE 1893

O combatente símbolo da Revolução de 93, tanto entre os republicanos como entre os federalistas, foi o gaúcho, segundo a citada pesquisa realizada pela Escola de Estado-Maior.

Esse combatente revelou-se sensível às seguintes qualidades de liderança militar: exemplo do chefe, coragem física, entusiasmo e afetividade, principalmente os revolucionários.

Em ação, revelou-se audaz, corajoso, bravo, sentimental, com grande capacidade para improvisar e adaptar-se, muito belicoso e violento na represália. Essa última característica é

atribuída, por alguns, à presença, entre os federalistas, de gaúchos uruguaios acostumados, em seu país, à prática da degola de adversários. Mas existe corrente que atribui a violência inaudita ao radicalismo político, comprovação, por outro lado, de que o soldado brasileiro, normalmente tolerante, generoso e humano, pode se modificar, aceitando a luta no nível que ela for conduzida.

Do lado federalista, o combatente revelou uma rusticidade incomum e grande capacidade de sofrer privações no tocante à alimentação e, até à fome, daí o nome "Voluntários do Martírio" do livro de Ângelo Dourado. Ele conseguiu atravessar os sertões do Paraná e Santa Catarina alimentando-se de pinhões ali abundantes.

GUERRA À GAÚCHA

A guerra, na Revolução de 1893, teve característica da guerra à gaúcha, modalidade desenvolvida no Rio Grande do Sul, desde as invasões espanholas, de 1763 a 1774, ou seja: guerra sempre móvel, em campanha rasa à base de Cavalaria, marcada por entreveros e desenganjamentos rápidos.

Nesse tipo de guerra contava muito a coragem pessoal no combate corpo a corpo, a lança e a espada, nos golpes de surpresa e astúcia. Essa é a marca registrada da guerra à gaúcha, combinada com grande mobilidade, e que esteve presente na Coluna Pres-

tes, como comprovou o Historiador Fernando O'Donnell Filho.

Era guerra que tirava o máximo partido da surpresa e da Manobra, do que resultava um bom grau de Segurança. O poder de fogo dos republicanos era mais expressivo. Usaram metralhadoras e canhões. O comandante da Artilharia legal em Inhandui foi o Capitão Setembrino de Carvalho, mais tarde pacificador da Revolta do Padre Cícero, no Ceará, Revolta do Contestado 1914 e Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul e Ministro da Guerra.

ALGUNS ENSINAMENTOS

Os republicanos e federalistas não dispuseram do Sistema Logístico que, ao final da guerra do Paraguai, havia funcionado a contento, sob a égide do Quartel-Mestre-General do Exército.

Ainda em Canudos esta grave lacuna se fez sentir, e só foi solucionado pessoalmente pelo porto-alegrense General Machado Bittencourt, então Ministro da Guerra, por essa razão hoje patrono da Intendência do Exército.

Os contadores usavam recursos locais, que foram escassos para os federalistas na travessia dos Sertões de Santa Catarina e Paraná, conforme registra Ângelo Dourado na sua obra referida.

A Revolução mostrou a aptidão de nosso combatente para a defesa de localidades, como foi o caso dos

cercos de Bagé (24 Nov 1893 — 8 Jan 1894) por 77 dias; da Lapa (14 Jan — 12 Fev 1894) por 32 dias; Palmeira das Missões (9 a 18 Jun 1895) por 9 dias; e o assédio de Santana do Livramento (20 Fev — 17 Mar 1893) por 27 dias.

Confirmaram-se, mais uma vez, como caminhos de invasão do Rio Grande, a partir do Uruguai, as linhas secas que incidem sobre Bagé e Santana do Livramento. Não foi usado o caminho pelo litoral, Chui-Rio Grande.

Ocorreram casos de confrontos entre quadrados de Infantaria e Cavalaria, nos combates das Traíras, estudado por Moro Mariante, e no Rincão dos Mellos, próximo a Pular do caminho de Cruz Alta. Do último, em 26 Jun 1894, resultaram pesadas perdas em vidas, num sangrento combate de 6 horas. Os federalistas, percebendo que o vento soprava contra os republicanos de Salvador Pinheiro Machado, reeditaram os argentinos em Passo do Rosário, em 20 Fev 1827: atearam fogo no campo.

A essa altura, premidos pela realidade, os federalistas dispunham de valorosa mas diminuta Infantaria, segundo ainda Ângelo Dourado.

Enfim, a Revolução de 1893, por ocasião de seu centenário, ensejará muitos estudos. Para os militares brasileiros, o estudo deverá atender o que disse o Marechal Ferdinand Foch, o comandante da vitória aliada na 1ª Guerra Mundial e ex-professor de História Militar:

“Para alimentar o cérebro do Exército na paz e melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo para meditação do que o da História Militar.”

Quanto as razões das causas de violência inusitada nesta guerra, parece problema mais da Psicologia, da Sociologia e Antropologia, do que da História Militar. Em síntese, é tarefa para a Psicologia Social.

Mas é uma resposta relevante que se impõe, para que não se repita mais uma revolução, caracterizado por Moro Mariante, Vice-Presidente do IHTRGS, “como movimento de rancor, de ódio, de represálias e de vingança entre irmãos”. Que seja respeitada e cultuada a tradição gaúcha de firmeza e doçura, em todos os tipos de disputa no Rio Grande do Sul, atual e futuro.

REFERÊNCIAS

1. História dos Símbolos do RGS (Recife, UFRPE, 1971), obra do autor deste ensaio.
2. Gaspar Silveira Martins, por convicção liberal, e Julio de Castilhos, por convicção positivista, como grande apóstolo que foi, entre nós, da Religião da Humanidade.
3. Por contrariar a tradição de firmeza e doçura mencionada do gaúcho rio-grandense histórico, da qual, entre outros, Osório, Bento Gonçalves e Antonio Neto foram expoentes.
4. Sua vida e obra são estudadas pelo Coronel J.B. Magalhães, em Consolidação da República (Rio, Bibliex, 1977).
5. DOURADO, Ângelo. “Voluntários do Martírio”. Pelotas, Liv. Americana, 1896.



CLÁUDIO MOREIRA BENTO — Coronel da Reserva do Exército, foi designado para o serviço ativo, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército — A Casa da Memória Histórica do Exército. Possui, além dos cursos militares regulares, o de Analista A da Escola Nacional de Informações e o de pesquisador das Forças Terrestres Brasileiras. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, integra a Academia Brasileira de História, a Sociedade Brasileira de Geografia, o Instituto dos

Centenários e o Instituto Bolívariano do Rio de Janeiro. Foi o coordenador da construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e atualmente, preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Dirigiu o Departamento Cultural e a Revista do Clube Militar (Jun 86—Jul 88).